

Mocotó e gengibre no bairro Santa Mônica

O caldo de mocotó e a batida de gengibre com cachaça de Armando atraem pessoas do Estado e de outras localidades do País

Há 40 anos, o comerciante Armando Paes, 80, vende o tradicional caldo de mocotó e a cachaça com gengibre em Santa Mônica, Vila Velha.

Com a sua simpatia, ele disse ontem que conquistou clientes do Estado e de outras localidades do País. O seu bar, que fica aberto de segunda a sexta-feira, vive cheio.

“Compro cerca de 120 quilos de mocotó por semana e faço 30 litros de gengibre por dia, de tanto que vende”, ressaltou.

O segredo de tanto sucesso durante anos, ele frisou que é só um: o atendimento e a alegria em receber os clientes. E isso ele prova que tem de sobra.

Brincalhão e falante, ele e mais dois ajudantes passam o dia inteiro cuidando e preparando o caldo de mocotó e a cachaça com gengibre. À noite, é só correria para atender tantos clientes.

“Tudo o que tenho hoje e os sete filhos que criei foram com mocotó”, afirmou.

Ao ser questionado sobre se a família já enjoou de comer o mesmo prato durante todos esses anos, ele responde perguntando à mulher: “O que você jantou ontem?” E a mulher respondeu: “Mocotó”.

A batida de cachaça com gengibre, lembrou Armando, surgiu para acompanhar o prato. “O ardido do gengibre é quebrado pelo caldo. Além disso, isso é um ótimo remédio para a garganta”, acredita.

Segundo ele, o caldo não combina com cerveja. “A cerveja enche muito e a pessoa acaba comendo pouco”, brincou.

Armando contou, ainda, que aprendeu a fazer o caldo sozinho e chegou ao bairro antes mesmo do conjunto ficar pronto.

“Ganhei dinheiro na época da construção das casas. Como aqui



URNA

Os moradores de Santa Mônica, Vila Velha, podem sugerir reportagens e reivindicar melhorias para o bairro, depositando as dicas por escrito na urna do projeto **A Tribuna com Você** que está na Banca do Carioca, na avenida João Mendes, nº 102, na praça central do bairro.

não tinha restaurante, as pessoas vinham comer mocotó no meu bar.”

Hoje, ele afirmou que não trabalha mais nos fins de semana, para poder descansar.

“Não tenho mais tanta disposição, mas não deixo isso. Tenho amor pelo que faço e em ter a casa cheia. Só tenho o mesmo prato todos os dias e está sempre cheio de gente que vem nem que seja para me ver. Muitos que eu conheci aqui no bar já morreram e, agora, vêm os filhos”, disse.

Um dos atendentes que trabalham com Armando é Fernando Paes, que disse que o que o bar tem de especial é o clima de família.

“Aqui, vem gente de Brasília, Paraíba e Minas Gerais que, quando passam pelo Estado, sempre dão uma parada para comer. Vêm muitas famílias também e todos no bairro conhecem seu Armando”, comentou o atendente.

O bar do Armando fica aberto de segunda a sexta-feira, das 18h às 22 horas.



Fernando ajuda Armando a servir comida e bebida no bar

HISTÓRIA

- O bairro Santa Mônica, Vila Velha, surgiu de um conjunto residencial construído pela Companhia Habitacional do Espírito Santo (Cohab-ES), em 1970.
- As casas começaram a ser entregues por partes, à medida que ficavam prontas.

- Depois, foi erguido o segundo conjunto, que ficou conhecido como Santa Mônica Dois.
- O comércio da avenida principal do bairro desenvolveu-se na década de 90.

Fonte: Moradores de Santa Mônica.

RECORDAÇÕES

LAMA – O casal Cleto da Silva, 70, e Zenaide dos Santos Silva, 64, contou ontem que chegou a Santa Mônica, Vila Velha, logo que o conjunto foi entregue, em 1970.

“O bairro não tinha calçamento, água ou energia elétrica. As ruas eram areia preta de mangue”, disse Cleto.

Para embarcar em ônibus, o pessoal ia descalço até o ponto. “Lá, tinha um bar com uma torneira, onde a gente lavava os pés para calçar o sapato e ir trabalhar.”

Segundo Zenaide, onde é hoje a praça



principal, havia uma torneira para as pessoas pegarem água. “Vendedores passavam pelas ruas oferecendo pão, mas logo depois surgiu a Padaria Oásis.”

CERCA – A professora Maria Cândida Lino Muniz, 67, disse ontem que mora em Santa Mônica, Vila Velha, há 38 anos.

“Na época, as residências eram todas iguais, de dois ou três quartos. Não tinha muro separando uma da outra e usavam cercas de ripas de madeira para dividir os quintais”, lembrou. Segundo Maria, os quintais eram de areia, a ruas de barro e, quando chovia, os carros ficavam atolados na lama.

“O valão, que hoje é murado, na época era um córrego, cheio de mato. As crianças até brincavam no local”, obser-



vou.

Ela comentou, ainda, que a escola do bairro foi construída poucos anos depois da inauguração do bairro.